

A interação criança/objeto de transição no momento da sesta: uma experiência em creche

Tatiana Henriques – Instituto Politécnico de Leiria/Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Isabel Simões Dias – Instituto Politécnico de Leiria/Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Centro de Investigação em Qualidade de Vida (CIEQV), Núcleo de Investigação e Desenvolvimento em Educação (NIDE), Grupo Projeto Creche (GPC)

RESUMO

O estudo da interação da criança com os objetos nos primeiros anos tem suscitado a atenção de diversos investigadores (Cordeiro, 2010, Simão, 2013, Dias & Conceição, 2014). O presente estudo qualitativo, de cunho descritivo e exploratório, teve como objetivo identificar e descrever o tipo de interação que predominava entre uma criança de 15 meses e o(s) seus objetos(s) de transição, no momento da sesta, na creche. Recolhendo os dados através de gravações de vídeo, encontraram-se categorias de análise que permitiram organizar os dados levantados. Os resultados revelaram que a criança em estudo interagiu predominantemente com os seus objetos de transição (fralda e chupeta) não-verbalmente (através tato, do paladar e do olhar), reforçando a ideia da criança pequena como um ser competente que encontra formas diversificadas de interação com os objetos para se situar no mundo que a rodeia. Palavras-chave: Criança; objeto de transição; interação

ABSTRACT

The study of the interaction of the kid with the object in the first years of live has attracted the attention of many researchers (Cordeiro, 2010, Simão, 2013, Dias & Conceição, 2014). The present qualitative study, descriptive and exploratory, aimed to identify and describe the type of interaction that prevailed between a 15 months old child and their transitional objects, in nap time, in the nursery. Through recording video data was found analysis categories that allowed arrange collected data. The results revealed that the child in study interacted predominantly with their transition objects (diaper and pacifier) non-verbally (through touch, taste and look), reinforcing the idea of the young child as a competent be finding ways diversified interaction with objects to be located in the world that surrounds it.

Keywords: Children; transitional object; interaction

INTRODUÇÃO

De acordo com Bee e Boyd (2011), Monteiro e Ferreira (2009) e Palangana (2001), no estágio sensorio-motor (dos 0 aos 24 meses), a criança desenvolve a capacidade de distinguir o que é dela e dos outros e adquire a compreensão de que o objeto se conserva mesmo quando não está ao alcance da sua visão. Aprimorando a capacidade de pensar sobre o objeto mesmo quando não o consegue visualizar, necessita, contudo, de o experimentar (seja através da interação tátil ou da observação) para o assimilar e integrar em novos esquemas de ação. Conforme Fonseca (2008, p. 83), este processo de conhecimento sensorial e motor revela-se como um “ (...) processo indispensável para que a criança possua o seu conhecimento e compreenda a sua função”. Descobrimo os objetos através dos cinco sentidos, a criança dá-lhes significado e situa-se no seu mundo físico e social (Dias, Correia & Marcelino, 2009; Correia & Dias, 2012).

O tato será o sentido mais utilizado pela criança para explorar o seu mundo físico e social (Montagu, 1988; Muniz, 2012). Segundo Davis (1979) e Brock, Dodds, Jarvis, & Olusoga (2011), através da visão, a criança segue objetos (enquanto os agarra como forma de auxílio para a sua manipulação), ajudando o adulto a identificar os seus objetos de interesse (Davis, 1979). De acordo com Nascimento (2007) e Wilson e Hockenberry (2014), a criança até aos 3 anos socorrem-se do paladar e do olfato para lembrar situações já vividas, colocando na boca os objetos para os conhecer e satisfazer a sua necessidade exploratória.

Para Goularte (2010), a criança pequena também interage com os objetos através da fala. Para Sim-Sim, Silva e Nunes (2008 p.15), mesmo antes de articular palavras, a criança "(...) interage vocalmente através de um conjunto de produções sonoras, tais como o choro, o riso, o palreio e a lalação, (...)". Estes sons, designados por sons indefinidos por Azevedo (1998), revelam o sentir da criança face ao objeto em exploração.

No leque de objetos de interação da criança, insere-se o objeto de transição, definido por Dias e Conceição (2014) como qualquer objeto escolhido pela criança (uma almofada, um boneco de peluche, uma fralda ou uma chupeta) que tem como função transmitir proteção, conforto e segurança. Para Santos (1999), o objeto de transição capacita a criança para situações precoces de separação e para Zatz, Zatz e Halaban (2007) e Hales, Yudofsky e Gabbard (2008) é uma representação simbólica da mãe. Simão (2013), Levisky (2000) e Costa (2011) defendem que o objeto de transição é a ponte entre o que é considerado pela criança confortável/familiar (o Eu) e o assustador/não-familiar (o não-Eu).

Usado durante momentos considerados de *stress* (Simão, 2013), o objeto de transição assume um papel de destaque no momento da sesta, levando a criança a sentir-se segura (Dias & Conceição, 2014) e a aceitar este momento de separação do adulto de referência (Cordeiro, 2010). Zatz e Halahan (2007) e Dias e Conceição (2014) defendem que a criança deverá ter o seu objeto de transição no momento da sesta, devendo o adulto ser facilitador desta interação.

A chupeta, um dos objetos de transição preferidos das crianças pequenas, tem suscitado polémica entre os estudiosos. Biasotto-Gonzalez, Gonzalez e Tosato (2005), Sudo (2012) desaprovam o seu uso no momento da sesta e Gonçalves (2003) e Domingues (2011) são favoráveis à sua utilização argumentando que há crianças com maior necessidade de sucção do que outras.

Valorizando o objeto de transição como indutor do sono e considerando as diferentes formas de interação da criança com os objetos – interação verbal e não-verbal (Neto, Gauer & Furtado, 2003) – este estudo visa refletir sobre o objeto de transição, identificando e descrevendo as formas de interação da criança pequena com o(s) seu(s) objeto(s) de transição no momento da sesta, em contexto de creche.

METODOLOGIA

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar (ESECS/IPL, ano letivo 2014/2015), realizada numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) da região centro de Portugal, observou-se a existência de objetos de transição no momento da sesta como tranquilizadores e indutores do sono da criança pequena. Refletindo sobre o objeto de transição em contexto de creche e questionando o tipo de interações da criança pequena com o(s) seu(s) objeto(s) de transição, procurou-se compreender este fenómeno recorrendo-se a uma metodologia qualitativa, descritiva e de índole exploratória (Feteira, 2012). Os dados foram, também, representados em percentagens para ilustrar e auxiliar a sua visualização.

Participantes

Participou neste estudo uma criança do género feminino (C.), com 15 meses (em outubro de 2014) que frequentava a sala de 1 e 2 anos de uma creche da região centro de Portugal. Os dados prévios da observação em contexto de Prática de Ensino Supervisionada revelavam que usava uma chupeta e uma fralda de rosto durante a sesta, que só usava estes objetos para dormir e que só ficava tranquila, no catre, quando os tinha junto de si. Em termos de desenvolvimento, a C. interagia facilmente com os objetos da sala (por exemplo, livros, legos) e com os adultos presentes na sala de atividades. Explorava os objetos da sala através dos cinco sentidos, ainda que predominasse o paladar. Em termos linguísticos, C. comunicava através de sons definidos como por exemplo "oh", "ah" e vários sons indefinidos.

Instrumentos de recolha e análise de dados

Para a realização deste estudo, optou-se pela observação direta através do registo videográfico. Os dados recolhidos por esta via foram corroborados por registos fotográficos e notas de campo.

Os dados recolhidos foram sujeitos a uma análise de conteúdo, numa tentativa de "(...) reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum." (Moraes, 1999, p.8). As categorias de análise definidas foram a interação não-verbal e verbal com os objetos de transição. Como subcategorias da categoria interação não-verbal, considerou-se a i) interação através do tato; ii) interação através do paladar e iii) interação através do olhar. No que se refere às subcategorias da interação verbal, considerou-se a i) interação através de sons indefinidos e ii) interação através de palavras.

No que se refere à interação através do tato, consideraram-se todas as interações da criança com o objeto e todas as interações que o adulto induziu a criança a estabelecer com o objeto (por exemplo, quando o adulto coloca o objeto em contacto com a pele da C.). As interações através do paladar incluíram o contato bucal da criança com o objeto (com ou sem a colaboração do adulto) e as interações através do olhar, as evidências do olhar da criança para com o objeto de transição.

Nas interações através de sons indefinidos, consideraram-se as gargalhadas, as lalações e os palreios sempre que a criança olhava os objetos de transição. Por fim, nas interações através de palavras consideraram-se todas as palavras que a criança dizia sempre que olhava para os objetos de transição.

Procedimento

No âmbito da unidade curricular de Prática Pedagógica em Educação de Infância – Creche do Mestrado em Educação Pré-Escolar (ESECS/IPL), no ano letivo 2014/2015, foi sendo observado que havia crianças que se socorriam dos seus objetos de transição para adormecer e que as interações que realizavam com estes objetos era muito diversificada. Face a esta situação, definiram-se os objetivos do estudo e a metodologia (participantes, instrumentos de recolha de dados, procedimentos) a seguir. Solicitou-se autorização superior e, com a anuência de todos os intervenientes, delineou-se o cronograma de recolha de dados (data e horas). Assim, ficou definido que os dados seriam recolhidos através de vídeo, observação direta e notas de campo nos dias 24,25,6 de Novembro e 1,2,3,9,10 de Dezembro de 2014, das 12h15 às 12h20, aproximadamente. Realizaram-se, assim, 8 observações¹.

Considerando que os dados foram recolhidos em contexto de Prática de Ensino Supervisionado, importa referir que nos dias 24 de Novembro, 1, 9 e 10 de Dezembro a criança em estudo foi deitada pela estudante-investigadora (que interagiu com a criança, colocando-lhe a fralda na cara e a chupeta na boca) e nos dias 25 e 26 de Novembro, 2 e 3 de Dezembro de 2014, quem deitou a criança foi a educadora orientadora (nestes dias estudante-investigadora interagiu com a criança em estudo ora abanando a chupeta ora colocando-lhe a fralda de rosto em cima dela).

Recolhidos os dados das 8 observações, houve necessidade de os transcrever e organizar em categorias de análise, por dia de observação. Da análise qualitativa dos dados, resultaram frequências e percentagens, conforme ponto seguinte.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os dados revelaram que a criança em estudo, no momento da sesta, interagiu com dois objetos de transição: a chupeta e a fralda de rosto.

Numa primeira etapa de análise, os dados foram agrupados de acordo com a tipologia de interação da criança C. com os dois objetos de transição (chupeta e fralda) e, numa segunda fase, organizados por interação da criança com cada um dos objetos de transição (Gráfico 2).

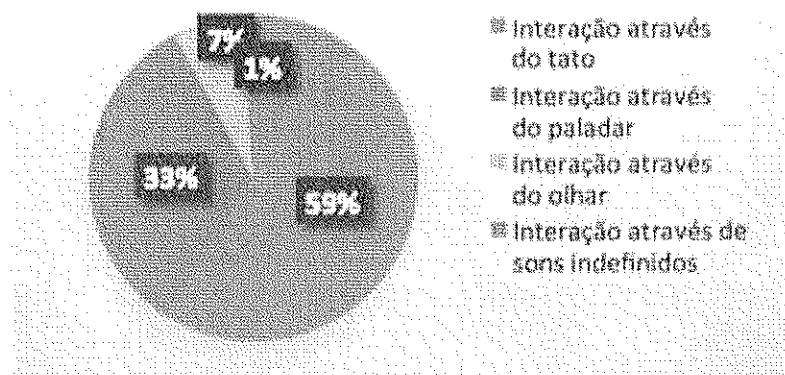


Gráfico 1- Interação da criança C. com a fralda e a chupeta nos 8 momentos de observação

Os dados do gráfico 1 revelam que, maioritariamente, a criança interagiu com a fralda e com a chupeta não verbalmente. Interagiu através do tato (59%), apoiando Montagu, (1988) e Muniz (2012) quando afirmam que é através do tato que a criança explora o mundo que a circunda. A interação com os objetos de transição através do paladar (33%) surge a seguir, corroborando a necessidade da criança em conhecer os objetos levando-os à boca (Wilson & Hockenberry, 2014). Para Nascimento (2007) e Dias e Conceição (2014), esta forma de interação contribuirá para que a criança se sinta segura e protegida uma vez que a induzirá a visitar situações já vividas.

No momento da sesta, nas oito observações realizadas, a criança C. interagiu com os dois objetos de transição através do olhar (7%). Davis (1979) e Brock, Dodds, Jarvis, & Olusoga (2011) defendem que a criança pequena usa a visão para seguir um objeto, agarrando-o e apropriando-se das suas características.

As evidências de interação através de sons indefinidos (1%), corroboram os dados de Sim-Sim, Silva e Nunes (2008), quando afirmam que as crianças pequenas usam sons indiferenciados para interagir.

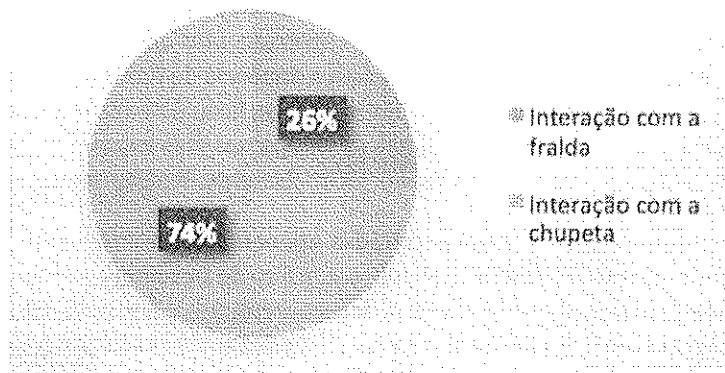


Gráfico 2- Interação da criança C. por objeto de transição nas 8 observações

Os dados do gráfico 2 revelam que a criança C., nos 8 momentos de observação, interagiu, predominantemente, com a chupeta (74%). A chupeta como objeto de transição que dá segurança à criança é defendida por Gonçalves (2003) e Domingues (2011). A interação com a fralda surge em menor percentagem (26%). A fralda é, de acordo com Dias e Conceição (2014), um dos objetos de transição eleitos pelas crianças pequenas.

Querendo saber quais as formas de interação com cada um dos objetos, identificámos a interação através do tato e do paladar com a chupeta como as tipologias de interação mais visíveis (gráfico 3).

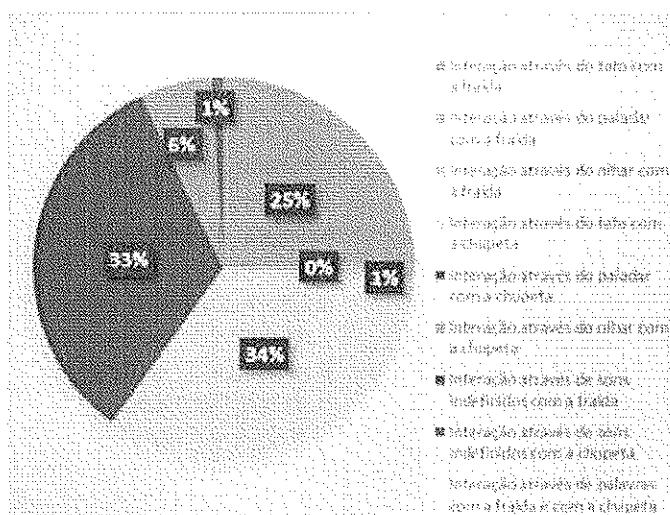


Gráfico 3- Percentagem de evidências por subcategorias com cada objeto de transição²

² As percentagens estão arredondadas às unidades por esse motivo, existe um valor de 0% que aparece representado a laranja, esse valor corresponde às interações através do paladar com a fralda, o que significa que existiram mas não forma significativas, ou seja o seu valor foi inferior a 0,5%

Os dados do gráfico 3 revelam que a criança em estudo interagiu com a fralda através do tato (25%), do paladar (1%) e do olhar (1%). Com a chupeta, as interações surgiram através do tato (34%), do paladar (33%), do olhar (6%) e de sons indefinidos (1%). De acordo com Dias e colaboradores (2009) e Correia e Dias (2012), a criança pequena desenvolve-se e aprende através dos sentidos. Interagindo verbal e não verbalmente (Neto, Gauer & Furtado, 2003) com o seu objeto de transição (Dias & Conceição, 2014; Fonseca, 2008), a criança em estudo optou por conhecer o seu mundo físico mais imediato através do tato (Montagu, 1988; Muniz, 2012) e do paladar. Nascimento (2007) e Wilson e Hockenberry (2014), defendem que a criança até aos 3 anos se socorre do paladar para satisfazer a sua necessidade exploratória. Ao explorar os objetos, a criança vai compreendendo a sua função (Fonseca, 2008) e aprendendo a sentir-se segura no mundo em que está inserida (Cordeiro, 2010).

CONCLUSÃO

As crianças pequenas interagem com os objetos de forma verbal e não-verbal (Neto *et al.*, 2003). Valorizando o objeto de transição como indutor do sono e considerando as diferentes formas de interação da criança com os objetos, este estudo visou refletir sobre o objeto de transição e sobre as formas de interação da criança pequena com o(s) seu(s) objeto(s) de transição no momento da sesta, em contexto de creche. Os dados levantados evidenciam o predomínio de interações não-verbais (através do tato, do paladar e do olhar) em detrimento de interações verbais (através de sons indefinidos e/ou através de palavras). Considerando a idade cronológica da criança em estudo (15 meses), estes dados reforçam a ideia da criança pequena como um ser competente que encontra formas diversificadas para conhecer e se situar no mundo que a rodeia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azevedo, Â. M. (1998). *Desenvolvimento Linguístico da Criança em Idade Pré-Escolar e Estimulação no Contexto Familiar*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Bee, H., & Boyd, D. (2011). *A Criança em Desenvolvimento, (12.ªEd.)*. Brasil: artmed.
- Biasotto-Gonzalez, D., Gonzalez, T., & Tosato, J. (2005). Presença de desconforto na articulação temporomandibular relacionada ao uso da chupeta. *Revista Brasileira de Otorrinolaringologia, 71(3)*, 365-368.
- Brock, Dodds, Jarvis, & Olusoga. (2011). *Brincar: Aprendizagem para a Vida*. Porto Alegre: Artmed.
- Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança. Do 1 aos 5 anos, (5ª ed)*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Correia, S., & Dias, I. (2012). Aprendizagem na infância - processos e estratégias. *Conferência Internacional - Investigação, Práticas e Contextos de Educação* (pp. 265-270). IPL: ESECS.
- Costa, A. (2011). *Adaptação da criança à escola., Estratégias e desafios na Educação-Pré Escolar*. Portugal: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Davis, F. (1979). *A comunicação não-verbal*. São Paulo : Summus.
- Dias, I. S., Correia, S., & Marcelino, P. (2009). A primeira infância na formação inicial de educadores. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (pp. 740-750). Braga: Universidade do Minho.
- Dias, I., & Conceição, S. (2014). O objeto de transição: um estudo em contexto de creche. *Revista zero-a-seis, 16(30)*, 203-216.
- Domingues, M. (2011). O uso da chupeta: risco ou benefício? *Revista Nursing*, n.º 270, 8-10.
- Feteira, S. (2012). *Os números racionais, na sua representação por frações, nos primeiros anos de escolaridade*. Portugal: I. P. Leiria.
- Fonseca, V. (2008). *Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed.
- Goularte, R. S. (2010). Interação, interacionismos: situando o interacionismo sociodiscursivo. *II Seminário Nacional de Linguagem, Cultura e educação* (pp. 1-15). Rio Grande.: Anais do II Seminário Nacional de Linguagem.
- Hales, R., Yudofsky, S., & Gabbard, G. O. (2008). *Tratado de Psiquiatria Clínica (5.ªed.)*. Porto Alegre: Artmed.

- Levisky, D. (2000). *Adolescência e Violência, (3ª edição)*. Brasil: Casa do Psicólogo.
- Montagu, A. (1988). *Tocar: o significado humano da pele*. São Paulo: Summus.
- Monteiro, M. M., & Ferreira, P. T. (2009). *Ser Humano (1.ª parte) Psicologia B. 12.º ano*. Porto: Porto Editora.
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação, 22(37)*, 7-32.
- Muniz, I. (2012). *A neurociência e as emoções do ato de aprender : quem não sabe sorrir, dançar e brincar não deve ensinar*. Italuna: Via Litterarum.
- Nascimento, A. B. (2007). Paladar: um sentido enaltecido e condenado. Em A. B. Nascimento, *Comida: prazeres, gozos e transgressões (2 ed.)* (pp. 45-50). Salvador: EDUFBA.
- Neto, Gauer, & Furtado. (2003). *Psiquiatria para estudantes de medicina*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Palangana, I. C. (2001). *Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky a relevância do social (3.ª Edição)*. São Paulo: Summus.
- Santos, M. (1999). *A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses*. Obtido de SCIELO - Psicologia: Reflexão e Crítica: acessado em Outubro 19, 2014, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000300005
- Simão, A. (2013). *O objecto transicional – Uma meta-análise do conceito e uma revisão da literatura*. Portugal: ISPA - Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Sim-Sim, I., Silva, A. C., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância: Textos de Apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da educação.
- Sprinthall, N., & Sprinthall, R. (1990). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Sudo, A. (2012). *Amamentação e uso de mamadeiras e chupetas: o que dizem os estudos qualitativos? Brasil:: Universidade Federal Fluminense-Instituto de Saúde da comunidade*.
- Wilson, D., & Hockenberry, M. (2014). *Wong ´s Fundamentos: Enfermagem Pediátrica (9 ed.)*. Rio Janeiro: Elsevier.
- Zatz, S., Zatz, A., & Halaban, S. (2006). *Brinca comigo!: tudo sobre brincar e os brinquedos*. São Paulo: Marco Zero.